

Prestar contas da fé no Antigo Testamento e hoje

Erhard S. Gerstenberger

De modo geral nós partimos, no ciclo de palestras do 2º semestre de 1977, da exortação contida em 1 Pe 3, 15: "Estejam sempre prontos para responder a qualquer pessoa que pedir que expliquem a fé que vocês têm." Ou, como se lê numa tradução mais jurídico-econômica: "Estejam sempre preparados a prestar contas da esperança que há em vós". Levando a sério um princípio fundamental do nosso trabalho exegético, temos que perguntar imediatamente: Qual a situação que provocou tal advertência? Quais as ansiedades e expectativas concretas da comunidade cristã naquela época? Pois nenhuma palavra se articula sem "lugar vivencial", nenhum sentido se descobre numa palavra determinada sem reconhecimento da sua situação envolvente, ou seja, das posições de orador e ouvinte e da interação entre eles. Não existem palavras eternas, absolutas e afastadas da realidade contemporânea. Até a Palavra de Deus sempre de novo se torna "carne", isto é, ela se manifesta nos acontecimentos e nas articulações de um determinado lugar e tempo.

No nosso caso, portanto, o contexto do versículo citado, como era de se esperar, revela a situação original dos destinatários daquela exortação. Provavelmente a carta, que nós chamamos de 1 Pedro e que se dirigiu às comunidades cristãs nas regiões principais da Ásia Menor (1 Pe 1, 1) foi escrita em fins do primeiro século d.C. quando surgiram, nesta parte do império romano, os primeiros atritos sérios entre Estado e Igreja. Sabemos que durante o reinado do imperador Domiciano (81-96 d.C.) os conflitos locais se tornaram mais sistemáticos. A carta dá a clara impressão de que os cristãos da Ásia Menor já estão experimentando severas perseguições. Alguns exegetas insistem que ela tenha sido uma prédica mimeografada, circulando entre as comunidades angustiadas. E uma leitura da carta, principalmente de trechos como 1 Pe 1, 6s; 2, 12; 2, 21; 3, 14.16, pode confirmar tais impressões. O autor da carta-prédica quer confortar os perseguidos irmãos. Destaca ele a fundamentação inabalável da fé em Cristo, a correspondência entre o sofrimento do Senhor e dos seus fiéis e a superação final de todos os males, bem como a dádiva da vida indestrutível.

Isto significa: O depoimento dos cristãos confortados pela 1 Pe quanto à base e viabilidade da fé em Cristo, foi provocado e solicitado por adversários, fossem eles vizinhos desconfiantes e hostis ou até perseguidores, juizes, policiais, torturadores. Não se tratava, nessas situações confissionais, de um testemunho missionário conforme o grande mandamento de Cristo: "Vão a todos os povos e façam que todos sejam meus discípulos" (Mt 28, 19). Ao contrário, encontramos aqui, neste "prestar contas" da 1 Pe, um depoimento exigido de fora. Aconselha a carta aos sofredores responderem evangelicamente aos perseguidores. A confissão da fé se dirige, portanto, a um mundo que estranha frente à comunhão cristã e conseqüentemente difama, amaldiçoa e elimina os cristãos. O fato verdadeiramente estranho, contudo, é o seguinte: Embora sendo objetos de ódio e opressão, os cristãos não querem retribuir de maneira igual, pagando na mesma moeda (1 Pe 2, 23). Muito ao contrário, ainda sob ameaça de morte eles se prestam como interlocutores explicando os motivos de serem cristãos (1 Pe 3, 15).

Tais observações na 1 Pe agora servem como ponto de partida para a nossa viagem rumo ao Antigo Testamento. Será que nós podemos encontrar nos testemunhos da fé israelita situações semelhantes, provocando confissões daquele tipo que transparecem em 1 Pe 3, 15? Como os israelitas no seu tempo encararam os vários desafios do mundo alheio? E, pressupondo que existiam tais situações desafiadoras, nós queremos analisar, entender e atualizar cada uma à luz da nossa própria experiência espiritual. É possível descobrir analogias de fé no passado remoto apesar de todas as diferenças culturais e religiosas? É possível estruturar a nossa própria realidade em concordância com ou semelhante aos modelos veterotestamentários?

Convém ainda, antes de partir, levantar umas perguntas críticas da nossa perspectiva de hoje para que elas acompanhem discretamente a nossa reflexão bíblica. Talvez vai chegar uma outra oportunidade a tratá-las explicitamente: Será que em todas as suas transformações históricas a religião israelita-judaica-cristã mantinha um caráter desafiador frente às ordens naturais, questionando cada vez de novo a existência normal e institucional da vida humana? Será que a primeira causa para a hostilidade do mundo alheio reside, em última análise, na fé num único só Deus? Ou é imaginável uma fé cristã totalmente pacífica, que se deixe absorver pelas estruturas sócio-políticas? Temos que contar, afinal, com duas correntes da fé na tradição bíblica: Uma de tendência conservadora e a outra de orientação revolucionária?

Sem mais preâmbulos propomos agora escolher três situações típicas do AT que evocavam em Israel manifestações da fé,

admitindo desde o início que muitas outras respostas confissionais do mesmo povo eleito não podem ser abordadas nesta vez.

1. O depoimento hínico de Israel

1.1. Os cânticos de louvor preservados no AT essencialmente glorificam o Deus poderoso e vitorioso (cf. p. ex. Dt 32, 3 ss; Is 12; 40, 12 ss; Na 1; Jó 36, 22 ss; Sl 8; 68; 98; 104). E justamente isso já poderia constituir um problema grave para a nossa avaliação. Onde fica o desafio do mundo alheio aos fracos nestes hinos? Num sentido mais amplo: A ligação íntima entre fé e glória não pode alimentar a nossa própria tendência de buscar a verdade teológica, geralmente ao lado e em prol de homens e instituições fortes, sucessórios, privilegiados? Podemos nós, como cristãos, basear a nossa fé ainda, por ex., num deus guerreiro, servindo exclusivamente a seu povo e por isso derrotando e exterminando outras povoações? Poder e glória, depois da chegada de Cristo, parecem fundamentos quebrados para o relacionamento entre Deus e homens bem como entre homem e homem. É necessário, nessa altura, investigar a evidência prestada pelos hinos mais antigos do AT a fim de reconhecer a origem da confissão de louvor a Javé.

1.2. Israel, ao longo da sua história milenar manifesta no AT, não gozava extensos períodos de grande poder político. As poucas décadas do seu domínio sobre o Oriente Médio, sob os governos de Davi e Salomão, constituíram um episódio negligenciável. Sem querer negar o fato de que este incidente estimulou bastante a fantasia dos israelitas bem como os seus pensamentos teológicos, convém a observação: ele não era a fonte da fé israelita no poder de Javé, nem a fonte daquela resposta confissional que nós estamos visando. Por outro lado, os 400 a mais anos do reinado da dinastia davídica em Jerusalém também não servem para explicar a confiança dos israelitas em Javé. Uma vez, porque aqueles quatro séculos eram cheios de derrotas, humilhações, sofrimentos e não ofereceram muito para se orgulhar. Em segundo lugar, a confiança em Javé certamente antecede a monarquia. Os textos a serem logo apontados, não surgiram do poder político estabelecido, mas sim, de vitórias imprevisíveis. Quer dizer: O povo sofrera opressão, miséria tal que não mais restava uma esperança razoável de melhoria. De repente, contudo, o seu Deus salvador agia. Israel respondia, talvez em primeiro lugar, através das suas mulheres, com hinos de louvor. Eram eles cânticos de vitória, festejando com bastante brutalidade a matança dos inimigos, a distribuição de despojos, inclusive de escravas (sendo elas baratíssimas empregadas e concubinas), e reunindo tudo isso à glorificação de Deus. Não queremos entrar numa discussão de detalhes dessas festas de vitória. Basta ressaltar: cantando hinos de louvor o povo articulava a sua fé em Javé,

num momento quando a ameaça de aniquilação estava superada. Tais hinos ainda não pressupõem estruturas de poder, mas sim, lembram a miséria mal vencida por Deus mesmo. Estes cânticos são testemunhos dos recém-salvos, cuja angústia se tornou alegria. E os textos foram preservados justamente como testemunhos para que alertassem contemporâneos e descendentes, gente próxima e distante, à maravilhosa intervenção de Javé em prol dos fracos. Assim começou em Israel o que nós chamamos de “confissão hínica”.

1.2.1. Os exemplos mais marcantes e comoventes deste tipo de hino se encontram nas composições literárias de Ex 14/15 e Jz 4/5. A última possivelmente é uma das mais velhas peças preservadas no AT. Narra, na sua parte prosaica, como Débora, profetisa e residente no território de Benjamin, um pouco ao norte de Jerusalém, mobilizou as tribos de Naftali e Sebulon no extremo norte de Israel, a fim de acabarem com a tirania dos cananeus. A seguir, o general Sísera com todos os seus 900 carros blindados é totalmente derrotado. Ele mesmo é assassinado por uma mulher quenéia, Jael. Considerando o desnível entre hebreus e cananeus quanto à tecnologia e organização política, essa vitória deve ter constituído um evento inédito em Israel. O povo humilde, de pequenos pastores e colonos, na verdade venceu o exército profissional da elite urbana. Não é de estranhar, portanto, que tal incidente se cristaliza num poema, sendo ele o hino festivo de Jz 5. Quais as características da fé israelita nesta parte mais antiga da relação composta de Jz 4/5? São notáveis os seguintes pontos: (a) Ainda no momento da vitória, e certamente na transmissão posterior do evento, a miséria superada faz papel importante da comemoração. “...Cessaram as caravanas; e os viajantes tomavam desvios tortuosos. Ficaram desertas as aldeias em Israel, repousaram... não se via escudo nem lança entre quarenta mil em Israel” (Jz 5, 6-8). (b) Era decisiva a intervenção de Javé e de seu exército celestial em prol de Israel: “Saindo tu, ó Senhor, de Seir, marchando desde o campo de Edom, a terra estremeceu, os céus gotejaram ... os montes vacilaram...” (Jz 5, 4-5). Desde os céus pelejaram as estrelas contra Sísera ... o ribeiro Quisom os arrastou” (Jz 5, 20 s). (c) Mas essa ajuda de Javé de jeito nenhum está minimizando a colaboração dos israelitas na “guerra do Senhor”, como acontece mais tarde em outros testemunhos bíblicos (cf. Jz 7 ou 2 Cr 20). Ao contrário: No nosso hino as tribos israelitas, bem como uns líderes carismáticos, se tornam assessores de Javé (Jz 5, 13-15.23), estão sendo homenageados aqueles que saíram para a batalha (v. 2.9) e severamente repreendidos os outros que ficaram em casa (v. 15-17.23) “Amaldiçoai a Meroz ... e os seus moradores, porque não vieram em socorro do Senhor”). Na verdade, o escopo principal de todo o hino parece ser a celebração da boa vontade da maioria das tribos de combater, junto com Javé, os

opressores. Assim começa o cântico: “Desde que os chefes se puseram à frente de Israel, e o povo se ofereceu voluntariamente, bendizei ao Senhor!” (v. 2) E a mesma afirmação se repete em v.9, igualmente com a fórmula da bênção “bendizei ao Senhor” (prestada a Javé mesmo!) assim sublinhando essa intenção de elogiar os participantes na batalha. (d) O público, para o qual se dirige o hino, aparentemente são os “reis e vultos” do mundo conhecido (v. 3), isto é, já neste documento muito antigo do AT os israelitas estão prestando contas para fora da sua existência em termos da fé particular em Javé. — Em resumo: A base confessional e a razão de ser para o povo Israel não simplesmente se encontram na existência de Javé, nem somente na intervenção dele em prol dos seus parceiros. A base, isso sim, é a cooperação íntima entre os israelitas e o deus guerreiro. Poderíamos dizer: Israel neste texto se orgulha da interação com o seu deus, mais poderoso do que as outras divindades, bem como da vitória do direito dos oprimidos. A exuberância de alegria não provém de qualquer confiança em instituições (exército, templo, organização política, etc.), como acontecia mais tarde (cf. 2 Sm 7; Sl 46), abrindo a porta à vaidade humana (cf. Jr 7). A vitória dos fracos é, ao contrário, um milagre puro, estimulando a fé autêntica.

1.2.2. Um texto bem semelhante em termos de história triditiva e história da forma é aquela composição Ex 14/15. Num conto prosaico (Ex 14) se desenrola todo o drama dos israelitas fugidos até o Mar Vermelho, da sua salvação no último momento e da perdição dos egípcios. No capítulo seguinte, no entanto, sobe como se fosse um foguete o hino de vitória, tendo ele as mesmas funções e finalidades daquele de Jz 5. Uns detalhes, contudo, são diferentes. A situação pressupõe um povo desarmado, desamparado e desesperado. Os israelitas, neste documento testemunhal, são apenas escravos fugindo dos seus proprietários. Além disso, a compilação literária de Ex 14/15 claramente foi retocada e até renarrada mais ou menos 700 anos depois do evento histórico. Nós podemos facilmente descobrir a teologia sutil e milagrosa do escritor sacerdotal já no conto de Ex 14 (cf. v. 1-4. 15-18. 22-23. 26. 28-29). Não é de estranhar, portanto, que também o hino de Ex 15 revela as influências bem posteriores da teologia pós-exílica. Em Ex 15, 11-18, por exemplo, se encontram referências à tomada de terra e até ao templo de Jerusalém. A parte mais antiga do hino por isso deveria constar em Ex 15, 21: “Miriã lhes entoou: Cantai ao Senhor, porque gloriosamente triunfoi, e precipitou no mar o cavalo e o seu cavaleiro”. A maravilhosa ajuda de Javé também neste texto se tornou o fundamento seguro da confiança e alegria do povo, a elaboração do tema em Ex 15, 2-10 plenamente está de acordo com

isso: "O Senhor é a minha força e o meu cântico; ele me foi por salvação. Este é o meu Deus, portanto eu o louvarei, ele é o Deus de meu pai, por isso o exaltarei" (Ex 15, 2).

Essas palavras de confiança não levam, contudo, à conclusão de que existisse neste hino, contrastando o de Jz 5, um hiato dialético entre Deus e homem. Parece-nos que pelo menos na época pré-exílica os teólogos e cantores de Israel, falando em Javé e seus feitos para o seu povo, em geral visavam um relacionamento de colaboração e continuidade. Em todos os casos, o hino antigo por trás de Ex 15 (cf. v. 21) revela a mesma surpresa dos salvos diante da volta já inesperada do seu destino. A base da fé, então, ou seja o balanço a ser publicado para aqueles que quisessem saber, consistiu no fato de que Javé estava agindo em prol do seu povo. Por isso opressão e miséria eram superáveis.

1.3. Seria muito oportuno continuar esse levantamento dos hinos no AT sob o duplo aspecto de como se imaginava o triunfo daqueles que prestavam contas da própria salvação, e de qual maneira se entendia a colaboração entre Deus e homens nos atos salvíficos. Os Salmos e o segundo bem como o terceiro Isaías (cap. 40-66) dão exemplos suficientes para muitos estudos. Será que Sl 126, 1-2 capta muito bem o sentido geral do prestar contas através de hinos de louvor?

"Quando o Senhor reestaurou (ou: restaurar) a sorte de Sião, ficamos como quem sonha.

Então a nossa boca se encheu (ou: enche) de riso e a nossa língua de júbilo."

Será que a confiança de Israel em Javé vivia sempre da lembrança de opressão ("te lembrarás que foste servo na terra de Egito ..." Dt 5, 15) e da experiência atual de salvação? Será, por isso, que cada tipo de entrenchamento em posições doutrinárias e defensivas nos moldes de "aqui o nosso templo; aqui o nosso rei; quem nos pode vencer?" não se coaduna com a fé autêntica em Javé? Assim pelo menos uns profetas julgaram, denunciando a confiança errônea em próprias manipulações, quer religiosas, quer políticas (cf. Os 8, 4; Am 5, 21 s; Is 1, 11ss; 30; Jr 7, 4). E quanto ao segundo aspecto: Como podemos entender essa cooperação entre Javé e Israel no contexto da história veterotestamentária? As categorias da exclusiva ação de Deus, embora sendo prediletas em alguns campos protestantes (cf. já 2 Cr 20), não servem para descrever os fundamentos da fé. Conforme as afirmações mais antigas de Israel o homem participa na luta bem como na vitória de Deus.

1.4. Depois de ter abordado rapidamente algumas características dos hinos mais antigos de Israel, sugerimos uma reflexão no

significado atual dos traços neles descobertos. Como acontece muitas vezes na exegese histórico-crítica, os textos parecem se afastar cada vez mais da nossa própria realidade, na medida em que estamos reconhecendo as suas circunstâncias particulares. De repente há incerteza entre os estudantes, há medo de um relativismo sem limites. Surge, então, a questão urgente: É possível ainda relacionar a mensagem da antiguidade com o nosso tempo? Fazer aquelas afirmações históricas, que analisamos no “suor do nosso rosto”, de novo importantes para a nossa vida? A resposta enfática deve ser: Sim! É possível. E mais: É legítimo e necessário por várias razões. Nós dependemos do testemunho da fé dos antepassados, como dependemos deles na nossa inteira cultura e experiência. Em segundo lugar: As estruturas e experiências humanas não se mudaram tanto. Quaisquer mudanças sofridas desde o tempo de Moisés não impedem nem entendimento nem comparação das respectivas realidades de hoje e de outrora. No nosso caso: O prestar contas da fé em situações de vitória, da recuperação das forças, do novo começo, fica uma tarefa permanente também no nosso meio.

1.4.1. Para evitarmos graves erros, porém, e a fim de realmente descobirmos as afinidades entre situações e mensagens distantes, é imprescindível saber o que se mudou, o que ficou constante e de que maneira se constrói uma ponte entre passado e presente. Quanto ao primeiro ponto: A diferença maior, que gostaríamos de ressaltar entre as teologias israelitas e as nossas, reside no fato seguinte: Nós hoje em dia não podemos mais partir, na nossa reflexão teológica, de uma entidade nacional ou étnica. Ou seja, não mais podemos contar com um povo eleito que seja santo e separado do resto do mundo. Depois da chegada de Cristo, esse separatismo judaico se revelou num erro fatal de auto-justificação e auto-afirmação (cf. Ef 2, 11ss). A Igreja cristã, por sua vez, nunca deveria ter adotado todos aqueles mecanismos de autodefesa presentes no AT, bem como vigentes em cada ambiente sociológico-natural. O que nós podemos apontar, prestando contas da nossa fé, de jeito nenhum é propriedade particular de um só grupo, de uma só igreja ou denominação. E o significado concreto para o nosso tema? Prestar contas da motivação da nossa fé no momento vitorioso normalmente não mais pode implicar ou visar uma derrota de outro homem, grupo, raça, nação, igreja, religião. Gustav Heinemann, o falecido presidente da República Federal da Alemanha, cristão exemplar no palco sócio-político, gostava a dizer: “Cristo não morreu contra ninguém, não até contra os comunistas, mas sim, em serviço de todos os homens”. Em outras palavras: O nosso depoimento do Deus poderoso não deve ter a finalidade de autodefender-se, de proteger-se a si mesmo, seja em termos eclesiais ou nacionais, étnicos ou da própria classe.

1.4.2. Apesar de todas as mudanças históricas as necessidades por parte dos fracos de se manifestarem publicamente quanto às causas da sua libertação ficam as mesmas. Seria um bom exercício teológico tentar uma distinção, à luz da mensagem bíblica, entre os anúncios hínicos de sucesso no nosso mundo. Qual é o louvor legítimo, qual o testemunho falso? Parece que a maioria dos hinos modernos, emanando de diretorias de empresas, clubes elitistas, gabinetes governamentais, conselhos eclesiais e entrando nos meios de comunicação, são falsos. Não contêm muito do louvor do Deus poderoso ou do ser autêntico cristão. Buscam eles, em primeiro lugar, aberta ou clandestinamente, a glorificação do homem isolado, visando o seu próprio lucro e poder às custas de outros. A literatura folclórica, enquanto ela não está comercializada, por outro lado muitas vezes narra numa maneira simples ou até ingênua, a glória maior de Deus. Quer dizer: Os hinos que recebemos diariamente, através de canais oficiais, via de regra refletem um grau muito elevado de interesses particulares das classes dominantes. São eles propaganda justificadora e opressiva, assim obviamente contrastando com os hinos ao Senhor e Pai de todos. Cabe aos oprimidos, portanto, levantar a voz em prol do fundamento verdadeiro da existência, do ser autêntico, não egoísta, assim vencendo os males inerentes ao homem. Neste sentido os louvores dos fracos tornam-se testemunhos de justiça e amor, de paz e alegria, ou digamos numa palavra só, do Reino de Deus. Este mesmo reino é a base da nossa fé.

1.4.3. Qual seria, no entanto, orientação e valor de um hino vitorioso neste mundo de hoje? Quem poderia junto com os fracos estabelecer a ligação entre o nosso testemunho legítimo e o depoimento dos nossos antepassados? É um fato triste que nós estamos vivendo numa sociedade intoxicada pelo desejo de ganhar lugares de destaque às custas dos semelhantes. À luz de 1 Pe 3, 15, e do Evangelho em geral, temos que renunciar a essa atitude egoísta e autoprotetionista. Contradizendo os hábitos maus do homem, os cristãos podem celebrar os maravilhosos feitos de Deus também no nosso mundo de hoje. Quem sabe, a tarefa superior da Igreja cristã seria, neste sentido, apontar os acontecimentos atuais, interpretando-os como atos do Deus todo-poderoso? Em vez de pintar cada domingo de novo preto em preto a situação mundial; em vez de divulgar sem fim todos os males do globo e tomar banhos nos pecados dos outros, será que nós não deveríamos simplesmente anunciar os poderosos feitos de Deus, assim respondendo às perguntas ansiosas pelo fundamento da fé e da existência? Tudo isso, porém, podemos fazer numa maneira cristã, isto é, verdadeiramente altruísta: sem glorificar a própria fé ou entidade eclesial, sem tentar converter para a própria confissão ou religião, sem proteger

os interesses particulares e opressivos de ninguém. a não ser o bem-estar e as esperanças de todos os homens? E possível tal testemunho para aquele Deus que em Cristo é o Pai de toda a humanidade?

1.4.4. Seria necessário, nessa altura, dar exemplos concretos dos atos salvíficos na nossa época, que revelam o Reino de Deus existente e vindouro, e assim mostrar um pouco da base da nossa fé. A escolha de eventos dignos de serem entoados em hinos modernos dependeria da avaliação de muitos. Por isso, as nossas sugestões são bem provisórias e parciais, meras idéias para a discussão. (a) Guerra civil em Irlanda do Norte. Protestantes oprimem católicos, católicos reagem com terror. Pregação de ódio. Surgem duas mulheres, Betty Williams e Mairead Corrigan, que não mais agüentam o clima suicidal. Mobilizam milhares de mulheres numa campanha de paz e justiça para todos. (b) Ceilândia, perto de Brasília. Milhares de famílias do nordeste em busca de trabalho, moradia, sobrevivência. Milhares de crianças em situação precária. Entre outras instituições a "Kindernothilfe" de Duisburg tenta ajudar uns poucos: irmãs da nossa Casa Matriz atendem, numa creche, 150 crianças carentes. (c) Trabalho da Comissão Pontifícia de Justiça e Paz em São Paulo. Estudar os conflitos sociais; conscientizar a população; ajudar os injustiçados; elaborar modelos de uma sociedade mais justa: eis algumas das tarefas dos membros da comissão. (d) Corajosas advertências de militares, jornalistas, antropologistas, artistas etc. contra a destruição criminosa do meio ambiente. – Isso e muito mais são sinais, por insignificantes que sejam, de vitórias do bem contra o mal, do avanço do Reino de Deus e por isso manifestações do fato de que a nossa fé não é sem fundamento firme. Deus ainda está agindo no nosso mundo, maravilhosamente, não deixando a sua criação ao caos.

1.4.5. Sei muito bem que a nossa confissão de fé inclui uma afirmação a respeito da Igreja, onde o Espírito de Deus está agindo. Mas a atuação do Espírito e, conseqüentemente, de Deus mesmo não se limita à Igreja. Sem dúvida a comunhão dos fiéis tem as suas funções importantíssimas para a vida espiritual. Só esta comunhão inicia a fé individual, transmite as tradições sagradas, protege os crentes nas suas estruturas de plausibilidade. Seria uma presunção intolerável, contudo, insistir que o Deus vivo e atuante pudesse ser encontrado exclusivamente nas dependências da Igreja cristã. Se o testemunho bíblico tem valor para nós, temos que apreender que os maravilhosos feitos de Deus ultrapassam de longe as estreitas fronteiras das organizações eclesiais. Mais ainda: Podemos reconhecer que uma das funções principais das comunidades cristãs seria justamente apontar além de si mesmas, para os milagres acontecidos em qualquer lugar e em todos os tempos onde e

quando Deus está agindo neste mundo. Mais especificamente, podemos testemunhar ao nosso Deus poderoso cada vez quando experimentamos uma vitória sobre as forças das trevas. E o mais antigo hino do AT revela que nós não precisamos ter medo da participação do homem nos milagres de Deus. Em todos os casos, as teologias do AT levam o fiel de hoje a não aceitar a miséria, mas sim lutar para sair dos cativeiros a fim de louvar Deus nos hinos de vitória.

2. O depoimento de Israel das profundezas

2.1. Situações de vitória eram relativamente raras na história de Israel, como nós dissemos antes. Para o pequeno povo nas terras de Canaã, cercado por grandes potências, a dependência de estrangeiros em termos políticos, econômicos, culturais e religiosos era uma coisa normal. Muitas vezes, isso sim, tal condição causou atritos e sofrimentos por parte dos israelitas. 2 Rs 18/19 conta, p.ex., o episódio do sítio de Jerusalém pelos assírios no ano 701 a.C. Uma segunda via deste relato foi inserida, isso sendo prova da importância do texto, em Is 36/37. Os detalhes do conto em si não têm muito de autenticidade histórica. Mas isso não constitui uma deficiência, ao contrário. Uns traços da narração claramente são condensações de uma experiência secular do povo de Israel. O ponto central do diálogo entre o Rabsaqué, representante e general do sumo rei de Assíria, e os funcionários de Ezequias, rei de Jerusalém, exatamente é o problema da confiança legítima. De onde vem a convicção de que Judá poderia resistir ao ataque dos assírios? Assim a mensagem do Rabsaqué: "... em quem, pois, agora confias, para que te rebeles contra mim? Confias no Egito, esse bordão de cana esmagada ...? Mas se me dizeis: Confiamos no Senhor, nosso Deus ... (a resposta seria:) ... o Senhor mesmo me disse: Sobe contra a terra, e destrói-a" (Rs 18, 21-25). Mais duas vezes o Rabsaqué repete este desafio: Confiar em Javé é absolutamente inútil, pois ninguém pode defender Jerusalém, abandonada por Javé mesmo, como ninguém podia proteger as nações já conquistadas pelos assírios.

2.2. O sentido teológico deste conto é evidente. Israel, nos confrontos com os poderes da sua época, constantemente se achava desafiada a prestar contas quanto à base da sua fé e da sua existência. No saldo das experiências feitas Israel teve um superavit considerável de derrotas e humilhações. Por isso a pergunta irônica dos seus adversários: "Onde está o seu deus?" era uma pergunta a ser normalmente respondida em situações de angústia e miséria. O Sl 129, 1-4 faz um resumo muito adequado:

Muitas vezes me angustiaram desde a minha mocidade,
Israel: que o diga;
desde a minha mocidade me angustiaram,

todavia não prevaleceram contra mim.
 Sobre o meu dorso lavraram os aradores:
 nele abriram longos sulcos.
 Mas o Senhor é justo:
 cortou as cordas dos ímpios.

Queremos ver mais de perto como Israel, em várias situações de derrota, respondia ao desafio da fé.

2.3.1. *Uma reação bem autêntica, embora hoje em dia quase esquecida ou conscientemente suprimida, foi a argumentação contra e até a contestação do próprio Deus. Israel não era, nem no período mais infeliz do exílio, o povo submissivo e piedoso que nós às vezes imaginamos. Não, Deus foi considerado o membro supremo da nação com todos os deveres que cabiam a um soberano poderoso. Uma derrota de Israel, neste sentido, podia significar uma falha no atendimento por parte de Javé. Assim diz Sl 44, 9ss:*

Tu nos lançaste fora e nos expuseste à vergonha...
 Tu nos fazes bater em retirada à vista dos nossos inimigos...
 entregaste-nos como ovelhas para o corte...
 Vendes por um nada o teu povo...
 Tu nos fazes opróbrio dos nossos vizinhos,
 escárnio e zombaria aos que nos rodeiam.
 Pões-nos por ditado entre as nações,
 alvo de meneios de cabeça entre os povos...

E depois dessas acusações segue a declaração da própria inocência bem como, implicitamente, um veredito contra Javé mesmo (v. 17-21). O fundamento da fé parece abalado se não quebrado e o clamor do povo é para a restauração da bondade de Deus.

2.3.2. Numa maneira semelhante outros textos do AT argumentam contra o próprio Javé (cf. Sl 89; Lm 2, 18-22). O que significa isto no contexto da nossa temática? A contestação de Deus cria não poucos problemas para o nosso pensamento teológico. Tal atitude não pode fundamentar nem explicar a fé como base da existência? Prestar contas da esperança que há em vós... isso mesmo não deve acontecer na forma de acusações e exigências diante do Senhor? É bom meditar, contudo, a radicalidade do questionamento por parte dos antigos israelitas. Aparentemente eles nem temeram dar aos adversários a impressão de uma "casa em si dividida". Ao contrário, a crítica a Javé, aparentemente sendo autodestrutiva, justamente visava a recuperação do fundamento firme da vida espiritual e política, ou seja, visava a comunhão renovada entre Javé e Israel. Por outro lado, não é ingenuidade jamais jogar sobre Deus toda a responsabilidade para os fracassos experimentados na história? Falando em êxito ou derrota de povos, é possível abstrair totalmente do envolvimento do homem mesmo? Sem dúvida, a pergunta deve

servir como alerta. Mas certamente há situações nas quais a causa justa perdeu, apesar de toda a boa vontade e dedicação por parte dos seus defensores, a história dos índios das Américas sendo só um exemplo triste entre outros. Diante disso seria legítimo ou não perguntar, por que Deus não se solidarizou com os fracos e inocentes? É importantíssimo reconhecer que o AT admite essa pergunta e assim promove um prestar contas em honestidade, incluindo, potencialmente, uma reavaliação fundamental da fé. Conseqüentemente não tem nada de perverso se nós, no nosso teologizar, estamos testando profundamente a validade e firmeza dos nossos fundamentos espirituais. Pois só um observador muito remoto da realidade de hoje poderia negar o fato de que em todos os cantos da vida humana os fundamentos são abalados.

2.4.1. Israel, em outras situações precárias, escolhia outro caminho para a apresentação da sua fé. Os seus sacerdotes e profetas consideraram seriamente o envolvimento culposo de líderes e leigos no mal-estar existente. Isto não só aconteceu durante o exílio quando floresceram as teologias da consciência má e da própria culpa, mas já muito antes. O profeta Oséias, p. ex., já cita um cântico de penitência do povo: "Vinde, e tornemos para o Senhor, porque ele nos despedaçou, e nos sarará; fez a ferida, e a ligará ... (Os 6,1). Essa "volta" para Javé pressupõe uma confissão de culpa, como de fato a encontramos freqüentemente no AT ("Pecamos contra o Senhor!" cf. 1 Sm 7, 6; Nm 14, 40; 21, 7; Jz 10, 10. 15; 1 Rs 8, 47; Jr 3, 25; 8, 14; 14, 7.20; Sl 106, 6; Lm 5, 16; Dn 9, 5. 8. 11. 15). Corresponde a tais lamentações a declaração de confiança: Apesar da transgressão do povo, o Senhor vai ficar fiel para com os seus parceiros. A misericórdia dele (e às vezes se subentende: a vergonha mesmo de Javé frente a outras nações e divindades) vai superar a ruptura da comunhão. Prestar contas da fé neste contexto, portanto, tem os seguintes aspectos: O povo todo revela, sem nenhuma reserva, a sua falsa orientação no passado; apela para a bondade de Deus a fim de que ele vença as dificuldades e retifique as distorções sofridas; promete, finalmente, melhora do seu comportamento diante de Javé. O conjunto desses motivos transparece nitidamente num trecho da grande liturgia festiva contida nos primeiros capítulos de Joel (cf. especialmente Jl 2, 12s. 15-17). Os ritos penitenciais, vividamente descritos, culminam no pedido: "Poupa o teu povo, ó Senhor, e não entregues a tua herança ao opróbrio, para que as nações façam escárnio dele. Por que hão de dizer entre os povos: Onde está o seu Deus?" (Jl 2, 17).

2.4.2. Considerando sob condições mudadas, neste tipo de resposta confessional podemos sublinhar o seguinte: As crises particulares e mundiais que estamos vivenciando, contêm um forte ingrediente de erros propriamente humanos. Decisões antigamente

tomadas, metas fixadas, fossem elas as melhores da época, hoje em dia podem criar problemas insolúveis. Assim as bênçãos da medicina moderna tornaram a Índia um subcontinente morrendo de superpopulação. Os inseticidas, que serviram bem para extinguir diversas pragas, também vão acabar com o meio-ambiente e com a vida humana. E os sínodos das igrejas alemãs no Brasil, atendendo às necessidades dos imigrantes, criaram estruturas eclesiais bem como mentalidades correspondentes, que agora impedem uma integração rápida e mais eficiente na situação geral do Brasil e da América Latina. Neste sentido os erros inerentes bem como os acidentais do gênero humano devem ser confessados, cabendo um lugar especial às falhas da Igreja cristã. Isto tudo faz parte integral do prestar contas para dentro e para fora.

2.4.3. Cabe, neste contexto, uma palavrinha a respeito da crítica externa que os cristãos estão enfrentando. Sem dúvida, o número daqueles que censuram as igrejas cresceu nas últimas décadas. E muitas vezes eles percebem melhor, por seu não envolvimento, as faltas do cristianismo. Prestando contas a ele, nós podemos tranqüilamente admitir todas as deficiências verdadeiras do corpo cristão, da sua doutrina ou vivência. Uma atitude meramente defensiva não somente contradiz a verdade histórica, mas também o Evangelho mesmo. Pois não devemos lutar em prol dos nossos próprios interesses, sendo nós encarregados com o testemunho em prol dos feitos maravilhosos de Deus. Convém, contudo, acrescentar duas coisas: É puro ilusionismo crer em decisões, em atos ou pensamentos humanos já agora perfeitos. Até as idéias dos críticos por sua vez não constituem a verdade absoluta. E cada correção dos erros passados contém os germes de novos problemas e embaraços. Confissão de culpa e conversão não podem, conseqüentemente, criar o Reino de Deus. São etapas necessárias, mas transitórias, num caminho rumo ao Reino de Deus. E mais importante ainda: Num balanço da fé a culpa aparece no lado do débito, sendo ela precariamente equilibrada pelos sucessos humanos. O que possibilita a vida, porém, não é um superavit humano. É aquela bondade e longanimidade inexplicáveis que antecedem a criação da terra e que vão sobreviver a sua destruição, provavelmente por mãos humanas. O amor que permanece se realizou exemplarmente na vida, morte, ressurreição e pregação de Cristo; concretiza-se cada vez de novo em todas as vitórias autênticas sobre o mal no mundo.

2.5. Há outras respostas da fé no AT que não podemos elaborar mais nesta ocasião. É necessário, porém, pelo menos mencionar a maneira profética de prestar contas aos contemporâneos. Quer avisando o castigo de Javé, quer anunciando a salvação eventual, eles tendiam a antecipar os acontecimentos, de modo que

culpa e perdão já pareciam consumados. O profeta anônimo do exílio que chamamos de “segundo Isaías” dá o exemplo mais claro dessa visão teológica. A pregação desse profeta ultrapassou de longe aquele dilema de como balançar culpa e inocência, atuação de Deus e colaboração dos homens. Testemunhou diretamente uma nova realidade que Javé já estava estabelecendo. “Salvação”, “nova criação”, “novo êxodo” são alguns conceitos chaves da sua mensagem. Um exemplo:

Diz ainda o Senhor: No tempo aceitável eu te ouvi, e te socorri no dia da salvação; guardar-te-ei e te farei mediador da aliança do povo, para restaurares a terra e lhe repartires as herdades assoladas, para dizeres aos presos: Sai; e aos que estão em trevas: Aparecei.

Cantai, ó céus, alegra-te, ó terra, e vós, montes, rompei em cânticos, porque o Senhor consolou o seu povo, e dos seus aflitos se compadece (Is 49, 8. 9. 13).

Deus, se nós o entendemos bem, já está transformando, até transtornando as estruturas opressivas da realidade. A base da fé justamente é a dinâmica dessa revolução divina no mundo, e a única resposta oportuna da comunidade dos fiéis é a celebração de tal transformação justa e necessária com hinos e festas. Creio que nem no Novo Testamento se encontra uma pregação mais fervente da presença do Reino de Deus.

3. O depoimento do indivíduo

3.1.1. Convém, nesta altura, falar também na fé individual como se apresenta no AT, pois, historicamente dito, o relacionamento pessoal para com Deus de certa forma constitui uma etapa final da experiência religiosa do antigo povo eleito. Sempre houve, isso sim, confissões da fé na primeira pessoa (cf. Dt 26, 5; 32, 2ss; Sl 34, 1-3), sejam elas manifestações do povo todo ou de determinados líderes ou grupos dentro da entidade nacional. Comparando, contudo, tais confissões da fé com aquelas que nós agora designamos como declarações da fé pessoal, descobrimos uma diferença significativa: A voz individual, como se revela p.ex. nos Salmos do AT, mesmo provinda de uma só pessoa, não comprova a existência isolada do crente, afastado da sua comunidade. O homem, respondendo ao desafio da pergunta irônica dos adversários “onde está o seu Deus?” (cf. Sl 42, 3. 10; 22, 6-8), por mais que parecia estar abandonado (cf. Sl 35, 11ss; 55, 12ss), ainda era membro de um grupo familiar, ainda tinha acesso ao santuário e conseqüentemente a oportunidade de pedir a Javé para que Ele interviesse no seu caso. Sem ligações com os seus próximos o sofredor nem podia ter comparecido diante do sacerdote, nem rezado a sua oração (cf. 1

Sm 12), nem, finalmente, celebrado a salvação (cf. Sl 22, 22ss; 31, 21ss; 69, 29ss). Isto significa: O confessor age dentro de um grupo familiar e cultural, embora este grupo de fato não coincide com a comunidade israelita. A oração do indivíduo visa, via de regra, a restituição e reabilitação do miserável para o seu grupo pequeno. Confissões estreitamente individuais, no sentido moderno, só se encontram nos últimos séculos da formação do AT, sendo um exemplo o livro de Daniel (séculos III-II a.C.).

3.1.2. Quais eram, nestes moldes do antigo "individualismo grupal" as aflições que provocavam a prestação de contas diante de Javé e dos semelhantes, inclusive de adversários (cf. Sl 7, 3ss; 11, 1s; 17, 10ss; 55, 13)? Longe dos nossos conflitos econômicos, doutrinários e organizacionais as situações precárias para o israelita surgiam, da nossa perspectiva, de motivos estranhos e profanos. Uma doença grave pôde criar, por exemplo, uma ameaça para a pessoa e seu grupo. O doente poderia ser abandonado por Javé, obsessivo por demônios e assim portador de influências contagiosas (cf. Sl 22; 38). Ou a suspeita de ter cometido um crime podia cair sobre mulher ou homem. Enquanto faltava evidência clara de culpa ou inocência, o acusado tinha que recorrer à ajuda de Javé (cf. Nm 5, 11ss; Sl 7; 17; 26). Mediante uma prova especial ou um juramento de inocência (sendo na verdade uma maldição contra si mesmo, caso encontrado culpado) o réu buscava a sua absolvição e justificação. Se entendemos bem esse processo litúrgico-jurídico, assim como a cura cultural anteriormente apontada, são eles exemplos bons do prestar contas quanto ao relacionamento com Deus. Em ambos os casos o réu tinha que providenciar "bons antecedentes" de maneira que Javé iria dar os sinais certos atendendo ao pedido do aflito. A base da existência a ser comprovada ou verificada pela oração do sofredor é a simpatia divina com este sujeito.

3.2. Há muito tempo se conhece a estrutura daqueles salmos normalmente denominados de "lamentações do indivíduo". Entre os elementos estruturais que formam tal oração como invocação, queixa, pedido, voto de agradecimento etc., a "afirmação da confiança em Javé" tem um papel destacado. Raramente falta nestas lamentações. Pode ser exprimida de várias maneiras, os verbos significando "confiar em", "refugiar-se em", "amparar-se sob" etc. sendo bem indicativos da busca do fundamento firme, isto é, do relacionamento sadio entre homem e Deus. Às vezes a oração menciona explicitamente experiências passadas como legitimação do novo pedido. E justamente este papel de esclarecer a vinculação do fiel a Javé e a insistência por parte do rezador na vigência contínua da relação amigável, constituem a importância suprema deste elemento dentro da lamentação cultural (cf. Sl 22, 3-5. 9-10; 77,

1-10). É oportuno explicar brevemente tudo isso a partir de dois exemplos concretos.

3.2.1. O Sl 71 é, evidentemente, uma oração para aqueles velhos que já então se sentiam supérfluos e marginalizados (v. 9. 18) ou até perseguidos (v. 10s), fato estranho numa sociedade que valorizava muito a experiência e autoridade dos idosos (cf. Lv 19, 32). Mas em caso de fraqueza física ou mental, doença grave e repugnante, atitudes senis, ditatoriais ou recalcitrantes se misturarem num velhinho, quem sabe a paciência de familiares ou vizinhos podia se esgotar. Desconfiança e ódio tomaram o lugar da solidariedade costumeira. Aparentemente uma vítima de tal desprezo social podia se refugiar no templo (v. 1), pedindo proteção (v. 2.4.12). As afirmações de confiança em Javé, prestando contas do relacionamento com ele, permeiam toda a oração, procurando a legitimação para comparecer diante de Javé (esp. v. 5s). A confiança mesmo se mostra principalmente naquelas afirmações que insistem na relação intacta com Javé: "...tu és a minha rocha e a minha fortaleza" (v. 3b); "tu és a minha esperança... a minha confiança..." (v. 5); "tu és a minha força" (v. 6 conforme septuaginta); "tu és o meu forte refúgio" (v. 7). Diante de Javé, no culto e assim também aos ouvidos da comunidade, o suplicante insiste na validade da sua vinculação com Deus, ele insiste, de certa forma, na disponibilidade de Deus para o sofredor. Provavelmente isto é a única situação legítima, na qual o crente pode se dirigir a Deus, reivindicando a sua presença e intervenção salvadora. E, conforme o AT, o homem deve dirigir-se a Deus nas profundezas extremas da vida. Dessa convicção cresce a certeza de ser ouvido, o que em si constitui uma outra afirmação de confiança (v. 22-24). O balanço da fé individual leva, portanto, para a prontidão de Deus, comprovada por experiências passadas, de ajudar o miserável.

3.2.2. Existe no saltério do AT um grupo de cânticos que ressaltam o motivo de "confiança" a tal ponto que este domina toda a oração. Os pesquisadores, com poucas dúvidas, consideram dessa categoria os Sl 4; 11; 16; 23; 27A; 62; 63; 131. Tomando o Sl 62 como exemplo pronto podemos constatar: O motivo de confiança pertence, liturgicamente dito, aos ofícios de lamentação e reabilitação em prol de indivíduos aflitos. Conseqüentemente, também os salmos de confiança iam ser rezados nesses cultos, ou seguindo ou antecedendo o próprio pedido de ajuda. O fundamento do ser, conforme o nosso Sl 62, é Deus só (cf. v. 1.2.5.6), pois os empenhos humanos não ultrapassam a nota " vaidade" (cf. v. 9s). À luz da situação real dos suplicantes que rezavam esses salmos não é de estranhar isso. O que realmente importa, porém, é a perspectiva geral do salmo. Chega, na liturgia de lamentação, o ponto de prestar contas. Certamente implica em certo lugar, na verificação do

comportamento do suplicante. Teríamos que comparar, nesta altura, a inocência do Sl 26 e a culpa do Sl 51. Parece, contudo, que as afirmações de confiança ultrapassam de longe o dilema humano de ser culpado. Falam na última fundamentação da vida, a saber, da vinculação íntima entre Deus e homem. Não se trata de uma dependência totalmente unilateral. De certa maneira é também mútua, pois Deus assumiu compromissos que podem ser reclamados. E a audácia dos suplicantes bem como daqueles sacerdotes que administravam tais orações junto com os seus clientes deve entrar em cogitação. Neste sentido os usuários do nosso salmo entendiam a confiança como atitude ativa, quando exortam a comunidade: "Confiai nele, ó povo, em todo tempo" (v. 8).

3.3. O prestar contas em termos pessoais, como visível nas afirmações de confiança dentro do ofício de oração e intercessão em Israel, pode ser bem significativo para nós. Coloca em dúvida, isso sim, os nossos valores superindividuais e sentimentais da confissão da fé. E substitui-os possivelmente por idéias mais humanas e cristãs. Excluindo mais uma vez a antiga personificação do mal numa figura do inimigo, que deve ser destruído, restam entre outras as seguintes considerações: (a) Vão surgir, sempre de novo e quase automaticamente, pressões modernas contra os cristãos, exigindo respostas da fé que há neles. A mensagem de Cristo, de amor e esperança, é bastante ofensiva para o homem normal, pois desvaloriza as divindades vigentes, inclui até o próximo distante como igual, vive para o futuro em lugar dos lucros presentes e sentimentos passados. Então o cristão, vivendo a sua fé, vai ser questionado por vizinhos, companheiros de trabalho ou policiais. E a resposta da fé deveria, com muita paciência, explicar as suas razões. A fé cristã nem é idealista, nem subversiva, nem utópica, mas sim ocorre no serviço autêntico em prol de todos os homens, superando as barreiras letais entre as raças, nações e classes. — (b) A prestação de contas, já exigida durante a vida, engloba toda a interação entre Deus e homem. Não se limita ao desempenho humano. Podemos dizer: Deus tem vontade de entrar no nosso prestar contas com o seu próprio saldo de acontecimentos. Dessa forma, a resposta aos senhores inquisidores, limpa, se for possível, de agressividade, verdadeiramente pode mostrar razão e fundamento do nosso ser, além da nossa existência isolada. A fonte da vida é a fonte comum do bem e da salvação. — (c) No antigo Israel o prestar contas de modo pessoal parece ter sido praticado em vários ritos culturais, uma cerimônia de destaque, deduzível dos salmos individuais, sendo aquele ofício de lamentação. Tais ritos serviram ao mesmo tempo como procedimentos reguladores para uma variedade de emergências sociais. Quer dizer: O culto mesmo oferecia oportunidades para os oprimidos, doentes, perseguidos, desespera-

dos etc. procurarem soluções para aqueles problemas. O nosso próprio prestar contas deve incluir a admissão de que a nossa igreja e suas comunidades ainda mostram uma falta imensa de ritos comparáveis. Por isso o membro desesperado, encontrando pouca ajuda comunitária em sua aflição, vai buscar o consolo das religiões populares.

4. Prestar contas na Faculdade de Teologia da IECLB (apêndice)

É necessário nestes dias, depois de desistências notáveis de estudantes e críticas feitas, falar algumas palavras sobre a nossa faculdade que faz parte integral das estruturas da IECLB. Quais os desafios, quais as críticas a serem respondidas? São múltiplos. Lá tem aqueles que sofrem com a igreja estabelecida, porque acham todas as estruturas paradas, sem chances mais de se abrir e começar com as tarefas atuais ordenadas pelo Evangelho de Cristo. A Faculdade de Teologia para alguns deles é só uma fábrica de idéias vazias, onde se fala do Evangelho e se faz nada. Por outro lado tem aqueles que vêm na nossa faculdade uma instituição subversiva, pretendendo só criticar e perverter o Evangelho, fazê-lo uma mensagem meramente humanista. Existe ainda um terceiro grupo: Gente que considera a faculdade uma empresa cara demais para o orçamento da igreja. E este grupo tem aderentes em todos os campos. – Diante de todas essas perguntas a Faculdade de Teologia deveria prestar contas, sem ira, sem tentativas de autodefesa. Eis umas considerações.

4.1. A existência da Faculdade de Teologia de fato só tem valor, enquanto ela se enquadra nas transformações necessárias rumo ao Reino de Deus. No compromisso supremo do cristão com o Reino vindouro, seria uma ilusão perigosa considerar aqueles valores que se herdaram do passado, como últimos objetivos do trabalho teológico. A tradição herdada deve estar a serviço do Reino de Deus, não vice-versa.

4.2. Transformações de estruturas tradicionais pressupõem a conscientização de muitos; por isso leva tempo o empenho dos transformadores. Pensando no peso secular da teologia vigente dentro da IECLB, podemos constatar uma abertura considerável na Faculdade de Teologia e em outros departamentos da IECLB para as transformações necessárias à luz do Evangelho e conforme o nosso reconhecimento da realidade brasileira.

4.3. Enquanto ainda há essa vontade de reformas dentro da IECLB seria prematuro simplesmente sair da igreja para colocar sinais e assim transformar as estruturas de fora. Parece ser a nossa primeira tarefa reforçar os empenhos já existentes e conscientizar a nossa igreja.

4.4. De modo geral as reformas necessárias devem visar a construção de um estado de direito, justiça e paz no nosso âmbito, bem como a preservação do nosso planeta frente ao consumismo ilimitado e destruidor. Isso implica numa volta atrás de atitudes vigentes. É imprescindível uma distribuição mais justa de recursos e rendas bem como a proteção muito mais eficiente ao meio ambiente. Por tudo isso a pregação certa do Evangelho dentro da classe média (ela sendo o motor do desenvolvimento fatal) é tarefa urgentíssima para os cristãos (cf. a relação de Jonas a Ninivé).

4.5. Nos 30 a mais anos de história da Faculdade de Teologia aparentemente houve um movimento lento rumo à “realidade brasileira”. Isso constitui um fato comemorável, embora não queremos cantar hinos de vitória ainda. Pois sem dúvida nenhuma acontecem erros graves no teologizar e atuar dentro da Faculdade, erros que devem ser confessados.

4.6. Os pastores que saem da nossa faculdade têm uma grande chance e responsabilidade de multiplicar nas comunidades os impulsos transformadores do Evangelho. O trabalho pastoral certamente exige paciência e persistência; mas não dá certo, apesar de Is 6, 10, a tese do endurecimento total das nossas comunidades. Temos que buscar o caminho do Evangelho em conjunto com o povo todo.

4.7. Forma e conteúdo do estudo de teologia na Faculdade de Teologia da IECLB, há muitos anos, estão sob questionamento numa maneira honesta e profunda bem como democrática, raramente encontrável em todo o mundo. A reforma do estudo, ultimamente completado, foi um começo, e ninguém considera os cursos, conteúdos, métodos do ensino agora vigentes como “bói sagrado”. Caminhando rumo ao reino de Deus, também a faculdade tem que buscar cada vez mais os melhores modos de fazer teologia em contato íntimo com a realidade, isto é, estando pronta a prestar contas em qualquer momento diante daqueles que desafiam a sua existência e vivência.